

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Marcia Cirino dos Santos

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Marcia Cirino dos Santos é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Dona Escolástica Rosa, em Santos/SP, criado em 2000, durante o projeto de Historiografia com coordenação do CMEFEUSP e da Cetec, com apoio da FAPESP, e desde por ela que é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde 2015, ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). A professora tem artigo publicado em livro de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *Teams*

Data da entrevista: 16 de outubro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 47 minutos e 26 segundos

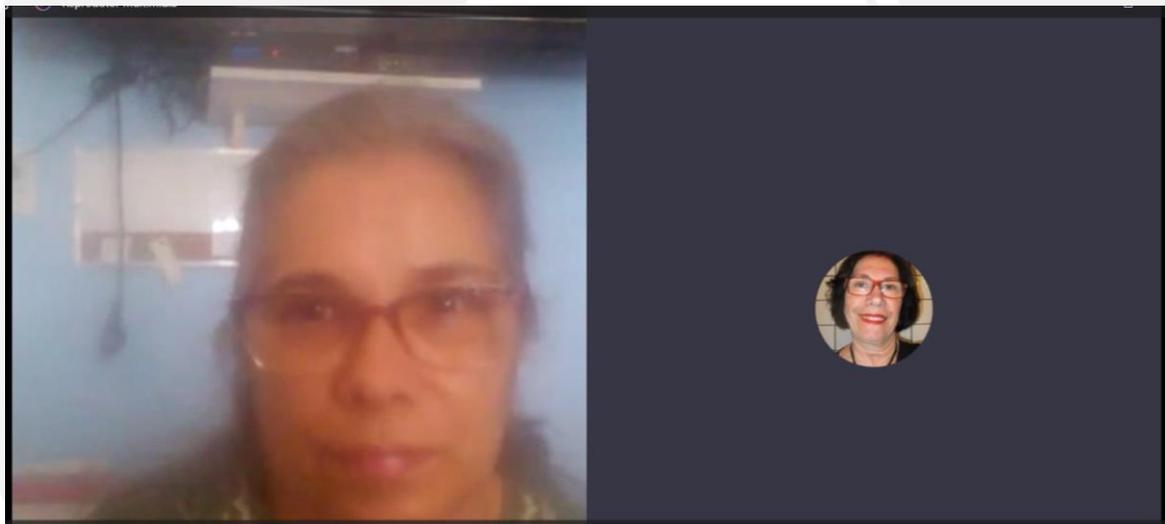
Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 20

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *Teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 16/10/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 5 a 15 de março de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Revisado pela colaboradora: 18 de março de 2025.

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, Márcia Cirino do Santos. Eu agradeço muito você hoje está concedendo uma entrevista de História Oral de Vida, para o nosso

programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. Você que atua na Etec Dona Escolástica Rosa, em Santos. E, também no nosso Grupo de Pesquisa de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, e essa entrevista vai fazer parte, como eu disse, do nosso programa, que está no nosso site de memórias. Então, para nós é importante essa sua entrevista hoje, que é do dia 16 de outubro de 2020. Eu gostaria muito de lhe perguntar, que você deixasse registrado, inclusive por causa da sua atuação no grupo de pesquisa com o Centro de Memória da sua escola, como é que foi a sua história de vida na educação? Onde você nasceu? Que escolas você estudou? Como é que você sentiu que a sua vocação era para a nutrição? E escolheu essa carreira, que hoje, inclusive, é o Dia Mundial da Alimentação. E, também, como foi esse percurso, a ponto de você começar a lecionar no Centro Paula Souza. Então, gostaria um pouco que você falasse também da sua carreira, porque a carreira do nutricionista também tem vários chapéus, várias pontas. Então, se você pudesse deixar esses registros.

Marcia Cirino dos Santos (MCS): Ok. Muito obrigada, Maria Lucia, pelo convite. Vamos, então, iniciando, meu nome é Márcia Cirino dos Santos. Eu nasci na cidade de Cubatão, também aqui localizada, próxima de Santos. E vivi muito tempo numa unidade, que a gente fala que é Fabril, em Cubatão, porque é uma vila que pertencia a uma indústria de papel. Fiquei lá mais ou menos até os 18 anos, que depois eu fui para a faculdade. Estudei toda a minha vida em escola pública, estudei no Zenon Cleantes de Moura que era ali na vila Fabril mesmo. Fiz até praticamente o primário, depois eu fui para o ginásio e colegial no Colégio Estadual Afonso Schmidt, já em Cubatão. E depois, na faculdade, eu acabei indo para Piracicaba. Eu fui a primeira turma a participar da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba). A gente até fez umas lutas na época, tudo. Eu sempre gostei dessa área de Biologia, de Microbiologia, essas coisas assim, desde a época que eu acho que me conheço por gente. E quando eu fui a uma feira de profissões, na época foi no Colégio Objetivo aqui em Santos, e apresentaram Nutrição e tal, eu me identifiquei um pouquinho, eu achei que era mais ou menos a minha praia, que era a área da alimentação, uma coisa que eu também gostava, e aí eu fiz vestibular em Mogi, que é perto, aqui em Mogi das Cruzes, e fiz também em Piracicaba. Por que Piracicaba? Minha prima estudou lá, fez biomédicas lá, e ela morava em Tatuí, que também é interior de São Paulo. E eu já tinha ido nessa faculdade, gostei dela, acabei passando e me mudei para Piracicaba, porque eu tinha que ficar lá, porque é longe da minha casa, mais ou menos umas duas horas e meia, até quatro, que eu considerava, por causa dos ônibus, que a gente ia de ônibus. Fiquei lá, então, desde 81, até me formei em 85, na primeira turma, voltei para Santos, comecei a trabalhar em Santos, mas eu fui convidada para tirar umas férias de uma moça lá em Poços de Caldas. E, acabei ficando lá em Poços

de Caldas, mais ou menos em torno de um ano e meio, trabalhando sempre dentro de cozinha industrial. Aí acabei voltando depois para Santos, lá mais ou menos em 87, trabalhei em algumas empresas pequenas, depois trabalhei em torno de 20 anos dentro da Copebrás, uma empresa, não considero multinacional, mas é uma empresa também estrangeira, capital estrangeiro também, e fiquei também mais ou menos 20 anos. E pensando assim, acabei saindo da empresa, tudo por N motivos. E, eu gostava sempre de lecionar, eu sempre fiz muitos cursos, mesmo trabalhando, eu gosto dessa área de sempre estar me aprofundando. E, eu lembrei da Escolástica Rosa que ele tinha um curso Técnico de Nutrição. E, eu acabei indo verificar se estavam precisando de professor. Na época não, e logo depois, em 2004, abriu um concurso, em 2003 abriu um concurso, eu passei, então ia ser o Técnico em Nutrição e Dietética pelo Centro Paula Souza, não pelo Estado, porque a escola foi administrada há muitos anos pela Educação, pelo Estado, pela Secretaria de Educação, então quando entrou o Centro Paula Souza, em 2004, precisavam de professores, foi realizado o concurso, e eu acabei passando com mais 4 ou 5 colegas, e aí a gente começou a lecionar na Escolástica Rosa, que na época ele se localizava na Avenida da Praia, na Bartolomeu de Gusmão, 111, no bairro Aparecida, de frente à praia.

MCS: Aquele colégio era o máximo para mim, porque eu nunca tinha entrado nesse colégio, a gente sempre passava na porta. Porque você passa de ônibus ou de carro para ir para a ponta da praia, para algum lugar, você acaba passando de frente por esse monumento, eu vou falar assim, porque eu sempre gostei assim desses lugares. Acho que me identifico um pouquinho, e fui lecionar lá no Centro Paula Souza, na Etec Dona Escolástica Rosa, participando, primeiro a gente ministrava a aula noturna, depois abriu o curso de manhã e à tarde, então eu pelo menos comecei a ministrar a aula nos três períodos, mas já era no prédio.

MLMC: As aulas eram ministradas nesse prédio-monumento ou era na Aristóteles?

MCS: Não, não, já era no Escolástica mesmo, porque lá no Escolástica já era a Etec, Etec não, já era Escolástica Rosa, já tinha o curso de Nutrição, tanto que eu peguei a turma saindo, eu ainda lecionei durante um ano na turma que estava saindo, porque na época era três anos, e aí depois que entrou pelo Centro Paula Souza, então a gente fazia, finalizamos o pessoal que estava saindo, e entramos pelo Escolástica Rosa. Apesar, que durante os seis primeiros meses a gente se reportava ao Aristóteles Ferreira (Etec Aristóteles Ferreira), tanto que na carteira profissional era Aristóteles, depois que a gente entrou pelo Escolástica Rosa, transferência, tudo, que aí já tinha saído toda a parte da Secretaria da Educação, e começou realmente o Centro Paula Souza somente com o ensino modular.

MLMC: Que ano começou o curso de Nutrição lá?

MCS: O ano que começou pelo Centro Paula Souza foi em 2004 mesmo, mas a gente tem registro que ele começou mais ou menos em 1980, 81, a gente já tem esse curso de Nutrição pela Secretaria de Educação, durou mais ou menos uns 20 anos, ele lá. E, aí a gente entrou em 2004, teve alguns percalços no meio do caminho, a gente tinha, com o tempo a gente ficou nos três períodos, como eu falei, manhã, tarde e noite. Depois começou o curso, ele foi fechado no período da tarde, porque não tinha muito coró, não tinha muita procura, e durante de manhã também ficou. E agora a gente está com o EMTEC, que é o Ensino Médio Integrado ao Técnico, e saiu o modular de manhã, então o Ensino Modular da Nutrição a gente, de um ano e meio, a gente só tem no período da noite, e no período da manhã a gente tem o MTEC, que é o Médio Integrado ao Técnico, que dura três anos.

MCS: Então, quando você entra naquela escola, desculpa, entrava, porque agora realmente a gente já não está mais nesse prédio, a gente teve alguns problemas técnicos lá nesse prédio, e a gente teve que fechar o contrato. Teve que desligar o contrato, a gente saiu e fomos para um outro prédio. Mas esse prédio, assim, ele é muito bonito, infelizmente ele está um pouquinho degradado, porque teve algumas preocupações com, não só com o poder público, mas até mesmo o privado, algumas pessoas parecem que não se interessaram em cuidar daquele prédio, vamos dizer assim. E desde que a gente entrou, a gente tinha o prédio da frente, que a gente fala, que é o prédio principal, e tínhamos algumas estruturas no fundo do prédio, que era a antiga sala do diretor, nós tínhamos uma capela, que até um tempo atrás ela ainda funcionava, que era a Capela Dom Bosco. Depois foram reformados alguns galpões para ministrar aulas de Metalurgia, e do outro lado nós tínhamos alguns galpões, que um era fechado, e o outro ele tinha a parte toda da Tipografia, que é aí que eu me identifiquei mais com essa parte de História, do curso, de quanto tempo já tinha a Etec, que se a gente for considerar a Escola Dona Escolástica Rosa, ela tem mais de 110 anos. Então isso daí foi me agradando, foi me estimulando, porque eu sempre gostei dessa área de História, eu sempre queria aprofundar esse ensinamento, essa curiosidade minha. Então tinha um senhor que tomava conta e ele acabava falando algumas coisas do que acontecia, na época, que ele ensinava na parte da Tipografia. Tivemos vários professores que já foram alunos na época também, que era da Secretaria da Educação, com os cursos de Metalurgia mesmo. Então, até da Escola Naval que tinha lá também. Então a gente foi conversando, foi entrando nessa área, e eu gostei. Em 2009, eu lembro que eu e a professora Maria Tereza Andriani Paiva, que trabalhava com a gente, nós fomos convidadas a participar, não era bem o Clube de

Memórias, era um projeto até seu Maria Lucia, eu não lembro agora mais o nome, se era Saberes, que teve alguns projetos.

MLMC: Era “Saberes e Sabores”.

MCS: É, eu acho que foi mais ou menos em 2009, uma coisa assim.

MLMC: 2010.

MCS: 2010. Só que infelizmente, a gente não foi autorizada a participar, e a gente, eu fiquei lá, nós tínhamos também uma, um estudo, da nossa escola, que era a professora Daisy (Daisy Rodrigues de Lima Simões), a responsável junto com o professor Waldemar (Waldemar Tavares Jr.), que ele pertencia a escola Aristóteles. E com isso eu fiquei muitas vezes conversando com ela, verificando o que ela fazia, na Historiografia, porque era chamada, tinha uma sala só de Historiografia, e eu acabei conversando. Por isso, ficava conversando com ela, o professor Waldemar, me dando as informações da própria escola. Tudo, a gente acaba conversando nos corredores, no horário dos intervalos, que ele ia muito também lá, no Escolástica, porque é muito próximo ao Aristóteles e o Escolástica Rosa, então a gente...

MLMC: Até porque restaurou a capela lá de vocês, né, foi na época do Waldemar aí.

MCS: Foi, foi mais ou menos em 2012, 2013 a capela foi totalmente restaurada, ela estava muito linda, tinha a missa toda primeira segunda-feira do mês, seis horas da tarde, porque do lado da nossa escola, do Escolástica, tem uma igreja, então esse responsável, era o responsável por essa capela no Escolástica Rosa, do Dom Bosco, e ele sempre fazia a missa uma vez por mês, toda primeira segunda-feira do mês. Só que depois com o tempo, a gente teve alguns problemas, o próprio professor Waldemar teve que se afastar, a professora Daisy, ela acabou se aposentando, e acabou a Historiografia ficando um pouquinho sem ter ninguém para tomar conta. Aí na época eu me ofereci para uma pessoa, não gostou muito, porque achava que não tinha interesse em continuar essa área, apesar da escola ter mais de cem anos, pelo que a gente sempre estuda, é uma das primeiras escolas, a nível principalmente do estado de São Paulo. Então, eu achava que a gente tinha que preservar essa memória, porque eu acho que não pode morrer, e acabei voltando, acabei verificando que tinha um Clube de Memórias. Eu acabei me inscrevendo e acabei indo, acabei sendo aprovada, até você conversou bastante comigo, tudo, e depois se eu não me engano isso foi em 2013, também, e quando foi em 2014, foi me autorizado a fazer uma HAE, porque a escola, como

Centro Paula Souza, faria dez anos, e aí a gente acabou também comemorando os dez anos da escola, juntamente com os dez anos do curso Técnico de Nutrição. Eu fiquei fazendo, participando como HAE durante dois anos, aí já no terceiro já não tinha sido mais aprovado, mesmo eu falando que poderia ser sem HAE mesmo, mas não quiseram, não me foi autorizado. Mas, eu acabei continuando cuidando dessa parte, eu cuidava da Historiografia, nos momentos que eu podia. Eu ia conversar muito com o seu Ferreira, lá na Tipografia, ele acabou se aposentando porque como a gente tinha que sair da escola, ele acabou saindo da escola também, e todo o material que ele tinha, vamos dizer assim: - material que seriam modelos, de letras, de material de tipografia, ele acabou doando para o Centro Paula Souza, para a Escola Dona Escolástica Rosa, eu cataloguei a maioria deles, o que tinha que catalogar, abri um espaço que seria mais ou menos um armário e guardei todo esse material.

MLMC: Márcia, deixa te contar que a partir desse mês está sendo implementado um Programa do Governo do Estado que se chama “SP Sem Papel”, que já é aquele que nós já conversamos várias vezes sobre isso, que é aquele Sistema de Gestão Documental do Arquivo do Estado de São Paulo, e que a Paula Souza começou a participar, em 2012, com a formação da comissão da CADA. Então, agora eu mesmo estou fazendo cursos, agora essa semana. Comecei a semana passada, e lá consta o arquivo permanente e a preservação do documento histórico, isso vai ajudar muito a preservarmos e a salvaguardar documentos que são importantes para a história da instituição. Então vai ser uma forma de mostrar para os diretores, para aqueles que não valorizam os espaços de memória, o quanto esses espaços são importantes, inclusive para otimizar, para rever o que nós produzimos no passado, para não ficar repetindo coisas que já foram feitas e não deram certo tem uma função o centro de memória.

MCS: Tem, porque você vê o que às vezes deu errado para consertar, e o que dá certo a gente continuar, eu acho que é isso. Acho que a história faz parte disso, da gente fazer isso, e quando a gente teve que sair do prédio vai fazer dois anos agora em janeiro, agora de 2021, a gente teve um processo muito longo. Porque foram reformados, a gente não podia, e falar nisso, reformar muito o prédio, porque o prédio ele foi tombado a nível estadual e a nível municipal. Então, ele tem realmente, a gente brinca que ele foi tombado duas vezes, mais ou menos em 2000. Se eu não me engano, em 2014 ou 2015, foi oferecido para uma universidade aqui de Santos fazer um projeto para revitalizar a escola, para que ela se tornasse a mesma escola de quase 100 anos atrás. Porque eles, com algumas reformas, eles tiraram um pouquinho a estrutura interna, a externa não, a externa continua o mesmo, mas algumas passarelas foram construídas, que na época não tinha, porque a gente tem como se

fosse quatro escadas, mas são dois pavimentos eu lembro que essa universidade ficou lá com a gente muito tempo, eles fizeram todo o projeto que não foi barato na época, e apresentaram para a direção e apresentou também para alguns professores, a gente acabou não indo, não foram todos os professores convidados, mas eu lembro que o valor na época ficava muito caro, ficava acho que mais de 20 milhões. Isso há uns quatro, cinco anos atrás, porque até o projeto ser levantado, foi oferecido para o Centro Paula Souza, foi conversado com o governo do estado, mas não foi para frente essa que não é uma reforma, é um restauro. Então o restauro acaba sendo caro, e onde era a Historiografia, infelizmente a gente teve um problema, que foi colocado como é que se fala: - foram colocados material de limpeza tudo isso e a Historiografia ficou guardada no fundo do armário. Porque infelizmente a gente não tinha onde colocar como não era autorizado, não tinha HAE, não tinha ninguém para ser responsável pela área, então a gente acabou não tendo condições de ter um lugar próprio. E, há dois anos atrás, infelizmente nós tivemos esse problema de ter que mudar da escola, deu um problema, que o prédio ele foi na como é que fala: - no falecimento do, ai agora me fugiu, do João Octávio, ele deixou para Santa Casa não só essa estrutura do Escolástica Rosa como várias casas, terrenos para que ele tomasse conta da escola, como se fosse escola mesmo. Mas, infelizmente a Santa Casa com alguns administradores não tomou conta, e a gente acabou não tendo como ficar na escola. Porque a escola foi se deteriorando mesmo com algumas reformas internas, troca de lâmpadas, da parte elétrica, essas coisas que a gente poderia arrumar, como é que fala: - e as telhas, tudo isso a gente estava arrumando e a gente estava conseguindo ficar na escola. Porém, infelizmente o novo como é que eu posso falar: - o novo administrador da Santa Casa, ele deu um problema, e ele quis rescindir o contrato, porque estavam falando que não tinha mais condições de habitar. Porque entraram uma ação civil no Ministério Público, que a gente tinha que sair da escola, porque senão a gente poderia sofrer algum acidente, como não só os profissionais, mas como os alunos também, e aí o Ministério Público deu para gente mais ou menos uns três, quatro meses, para sair da escola. A direção pediu para pelo menos a gente ficar até o final de dezembro, até dia 16 ou 18 de dezembro, porque aí acabava-se o ano letivo. E, então começamos a procurar uma nova, vamos dizer assim: - um novo um novo prédio, um novo espaço.

MCS: Só um segundinho, que eu acabei esquecendo um negócio aqui, aí a gente acabou mudando, estamos agora num local que também é alugado é um outro prédio, a gente está dividindo esse prédio com a Fatec. Porque a Fatec também teve que sair do espaço do Escolástica Rosa. Porque ela ficava a Fatec da Baixada Santista ela ficava entre o Escolástica Rosa e o Aristóteles que é um prédio ela foi junto com a gente para esse prédio na cidade, na Senador Feijó só que esse prédio também é uma área com uma outra empresa, então a gente

está no terceiro andar, quarto e quinto andar. Então, vamos dizer assim: - o quinto andar é a Fatec e a gente está dividindo o quarto andar, e a gente fica também no terceiro. Quando a gente foi tudo transferido para esse local, apesar que a gente já está lá há quase dois anos, a gente não teve o espaço para Historiografia. Então, todo o meu material, que eu recolhi da Tipografia com o Sr. Ferreira ele está indo encaixotado ele está numa sala. Tudo que era da antiga Historiografia, que foi guardado pela professora Daisy, professor Waldemar, também está numa caixa dentro de uma sala, que a gente não sabe onde vai ficar. Eu já tentei conversar com as pessoas responsáveis, mas infelizmente falaram que para esse prédio novo não foi projetado o Centro de Memória igual a gente tinha no antigo prédio do Escolástica Rosa. E aí eu falei que pelo menos era uma sala pequena.

MLMC: Eu me lembro que era uma sala bem pequena, quando eu estive lá em 2002 por aí, e depois quando eu fui entrevistar o Sr. José Ferreira, eu não consegui visitar o espaço do Centro de Memória, porque provavelmente já estava desmontado.

MCS: Estava, já estava desmontado quando eu peguei tudo do material dele, que eu fui recolhendo tudo não, porque não dava para recolher. Eu até queria recolher outras coisas, mas como eles tinham a guarda civil não, eles falaram que a gente não podia ficar entrando lá então antes dele sair ele me deu uma caixa com vários papéis, com várias partes de Tipografia, tudo. Aí eu pedi pelo menos um armário e, dentro da sala da Nutrição tinham dois armários na época, aí eu conversei com a minha coordenadora, ela falou: - não, você fica com esse armário. E, eu até coloquei Arquivo Tipografia, tudo direitinho, arrumei e fui colocando lá dentro as caixas, fui separando, eu tive a ajuda de alguns alunos, que só ajudaram por gostar mesmo também dessa área da história e da escola, porque tinha sido até ex-aluna que acabou me ajudando também nessa arrumação, vamos dizer assim. Mas, infelizmente a gente não sabe o que vai acontecer com esse material rico, porque ele tem muita coisa lá dentro. Ele já tinha participado, o Escolástica Rosa já tinha participado também da montagem daquele livro das “Escolas Técnicas mais Antigas do Estado de São Paulo”, e foram guardadas muito material e a gente precisava revitalizar isso. Eu faço pedido todo ano, todo começo de ano eu peço para entrar, para a gente fazer, para a gente cuidar dessa parte de memória, mas não sei, a gente tem esse entrave, que acho que a maioria das escolas tem, que são alguns diretores que não sei, não gostam da memória, não gostam de história, não sei.

MLMC: No próximo ano eu e a Júlia vamos começar a trabalhar mais, assim não sei os caminhos ainda. Mas, para tentar viabilizar a formalização dos Centros de Memória, porque nós fazemos parte dos Planos de Metas com projetos todos os anos, eu tenho mais de 20

projetos de memória de professores, só que é necessário ter uma portaria para que a gente possa regulamentar os Centros de memória. Então, eu estou muito feliz com esse “SP sem papel”, porque isso é uma forma também de a gente começar a discutir a nossa organização, inclusive da preservação desses documentos que são digitais, que já são nato-digitais, e recuperar o anterior. Porque assim, os diretores têm responsabilidade sobre aquele inventário, que foi feito, dizer que não tem: - tem. Então a gente tem como depois cobrar isso da escola e nós vamos fazê-lo.

MCS: Daí porque foi realmente feito, foi feito todo esse inventário, foi feita a relação de todo o material que a Daisy fez, ela arrumou tudo certinho, eu tenho até cópia do que foi guardado, mas infelizmente quando eu fui desmontar o Centro, a Historiografia, que já não era Historiografia, já era a parte do material de limpeza eu cheguei lá: - Ah não, eu já guardei tudo nas caixas. Eu falei, mas como você guardou nas caixas, eu tinha que identificar cada caixa não, não, mas eu já fiz isso então está bom, eu falei: - não vou discutir, porque é óbvio que você não está filmando, não está contando.

MLMC: Agora você sabe nesse período de pandemia, nós estamos com mais de 100 fichas, nós estamos com quase 200 fichas de registro de objetos no piloto, que nós estamos fazendo. Eu, a Júlia, a Sueli Oliani, naquele museu virtual. Porque, para o ano que vem também, a gente quer começar a fazer o plano museológico, e daí nós vamos convidar outras escolas. Então, por exemplo, esse teu trabalho da Tipografia, sabe. De todo aquele material que você conseguiu coletar, fotografias e tal. Tudo isso dá para a gente, depois, deixar registrado no museu virtual. Porque, mesmo que aquele espaço não seja mais nosso, ele faz parte da história da Etec Dona Escolástica Rosa. Então, ele tem que ficar para essa memória, para saber o que aconteceu lá. Como a gente tem entrevista com o Sr. José Ferreira, que está no nosso site de memórias. Eu já coloquei a entrevista dele lá, sabe. O vídeo, tudo. Porque assim fica esse registro.

MCS: Eu já vi também a entrevista dele, foi muito emocionante.

MLMC: E você sabe que no tombamento daquele prédio, tem um documento que cita o projeto. Acho que eu mandei para você na época.

MCS: Sim, eu acho que eu tenho.

MLMC: Eu encontrei por acaso. Fiquei muito feliz que citava aí o trabalho da escola.

MCS: Eu acho assim, todas as escolas têm uma história. Por que ela nasceu ali? Por que foi aquele bairro? Por que foi escolhido aquele local? Eu acho que não só a escola, outros lugares também. E o Escolástica, ele é sempre muito bem-vindo. Todo mundo fala dele. Em Santos, o pessoal passa e, às vezes, eu estava no ponto de ônibus e o pessoal falava, porque não tinha, às vezes, identificação. Depois que foi colocado, a identificação, porque não podia colocar na própria escola, colocavam fora: Etec e tal. Mas o pessoal achava, eles passavam ali na frente e achavam, nossa, parece hospital, parece isso. Eu falava: - não, é uma escola e tal, para quem é do lado. Às vezes, a pessoa falava e eu falava, não, aqui é uma escola, funciona uma escola. Esse prédio tem mais de 100 anos. Aqui era uma rua, e era uma identificação de rua, porque passava no meio da nossa escola, entre aspas, tinha uma rua. Depois acabou, não sei o que aconteceu, mas a gente tem umas ideias aí. Porque, se a gente for pensar, todo Escolástica Rosa era um só. Aí, acabou se tendo a metade, um terço, mais ou menos. Ele foi cedido para o Centro Paula Souza, na época, ficou o Aristóteles Ferreira.

MCS: Aristóteles, se eu não me engano, ele tem acho que 50 e poucos anos lá, se eu não me engano. Não lembro mais. Depois abriram a Fatec, e por último, é que entrou realmente o Centro Paula Souza para o Escolástica Rosa. Então, a gente tem um espaço muito grande ali do João Otávio. Ele deixou como legado dele para ser escola. Então, durante esses dois anos, a gente passa na frente da escola, na ponta da praia, e ela praticamente está fechada. Volta e meia, a gente vê só o pessoal fazendo a parte de jardinagem, carpindo, alguma coisa assim. Mas, estruturalmente, ninguém fala que vai mexer. Só comenta alguma coisa no jornal. E, toda vez que sai alguma coisa no jornal, eu também recolho. Eu estou fazendo esse tipo um arquivo pessoal meu, dessa parte do Escolástica Rosa. Porque, toda vez que sai alguma coisa no jornal, já há algum tempo, eu já fazia isso. E, quando a gente realmente foi sair do colégio, é aí que eu me interessei mais para salvar, para deixar. Porque não é para nós, é o legado que a gente deixa para os nossos filhos, os nossos netos. E, muitas pessoas também ainda iam na escola. Eles faziam pesquisas da parte também para fazer TCC, trabalho de conclusão de cursos. Eles iam fazer pesquisas lá. A gente tem duas monografias, feita por alunos, se eu não me engano, da UniSantos, se eu não me engano. Já também relacionada ao Escolástica Rosa. Porque é um legado muito importante que ficou dentro dessa cidade de Santos. Então, é muito importante para isso. E, eu acho que foi isso, eu me identifiquei muito com a escola, eu gostei. Eu gostava, assim, de lecionar. Nunca tinha lecionado. Foi a primeira vez e acabei me apaixonando. Então, eu estou lá praticamente 16 anos, já vai fazer 17 anos que eu estou lá.

MLMC: E 10 anos no nosso grupo?

MCS: Então, desde 2010, mais ou menos. Eu entrei no Clube de Memórias e acabei ficando. Quando dá, realmente, eu procuro participar com o HAE. Quando não dá, eu faço até o particular, você mesma sabe. E, quando eu estou de folga aqui em Santos, que eu não tenho aula durante o dia, porque eu peguei mais aula à noite agora. Então, eu posso ir para São Paulo, participo da capacitação, tudo. Eu retorno, eu acabo também tentando colocar no papel, aquilo que o Escolástica passou, aquilo que ele está passando, através das experiências que a gente tem. Então, fazendo parte lá com as exposições, com os encontros, e tento sempre participar do Clube de Memórias para a gente estar sabendo o que está acontecendo aí no Centro Paula Souza. Para a gente ter essa memória viva aqui, que é o Escolástica Rosa.

MLMC: Então, o nosso grupo agora na Cetec aumentou, com a participação da Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) lá. Então, a Júlia está trabalhando com os catálogos, porque o catálogo é o primeiro documento para depois ir para o Museu Virtual. Eu acho que, inclusive, todo esse material que você coletou da fotografia, da Tipografia, além das fotografias que você tirou, como é que estavam. Eu acho que tudo isso dá depois para você fazer um catálogo, para você publicar esse material, sabe? Porque faz parte da nossa história.

MCS: É.

MLMC: Eu ia perguntar o que você acha do grupo, mas você já deu uma finalizada quando você falou do Clube de Memórias.

MCS: Nossa, eu acho muito importante, porque realmente, é lógico que é o Centro Paula Souza. A gente tem muitas outras escolas, mas eu acho o grupo muito importante. E, eu acho legal, assim, ele é bem heterogêneo, por quê? Porque participam vários professores, até mesmo diretores participam do Clube de Memórias. E, a gente sabe que tem Clube de Memórias (refere-se aos Centros de Memória) que está muito mais avançado, tem Clube de Memórias que realmente, às vezes, não tem nada, tem uma salinha, igual eu brinco: - que eu tinha somente um armário de módulo lá, tudo no cantinho, que eu guardava minhas coisas. Mas, a gente sabe que realmente tem algumas escolas que gostam dessa área também e acabam dando espaço para os professores.

MLMC: Em Jacareí, por exemplo, a diretora, inclusive, cedeu um funcionário para ajudar a catalogar. Eles estão com mais de 10 mil documentos. Então, é muito interessante isso, inclusive, a tese de doutorado da Júlia (Júlia Naomi Kanazawa), que agora, esse mês, ela vai

se qualificar, é sobre o centro de memória, é sobre o museu virtual. E isso é bom, porque valoriza esse trabalho que o grupo vem desenvolvendo. Graças, inclusive, ao professor Almério (Almério Melquíades de Araújo), porque a ideia de criar o museu virtual foi dele. E, a partir dessa proposta que ele fez, em 2013 ou 2014, nós começamos a trabalhar em cima lentamente. Porque, como você mesmo diz: - nós trabalhamos com o HAE. E daí são poucas horas, inclusive, a pandemia agora deve ter consumido bastante o seu tempo, com as mudanças do ensino.

MCS: Muito. Agora, quando a gente fala nessa parte aí, porque a gente ficou em recesso, mas a gente ficava trabalhando mesmo aqui em casa. Então, a gente começava a montar aulas. Então, eles queriam que a gente gravasse aula, montar aula. Você tem que mudar todo o seu material, porque você fazer uma coisa que você faz no giz, vamos dizer assim, na lousa, é diferente quando você passa para a parte do computador. Então, você tem que ter outras estruturas, até para o aluno ficar mais interessado, e participar mais das aulas. Então, algumas aulas que a gente fazia lá, não tem como fazer no virtual. Apesar que a gente ainda consegue, eu, pelo menos, até ontem, estava falando com alguns alunos, a gente tem feito algumas aulas práticas. Então, eles fazem a aula na casa deles, aí a gente pede para eles gravarem como que foi feito, a montagem de mesa, tudo. E aí, eles já vão apresentar para a gente na próxima semana. Porque algumas coisas não têm como. O curso Técnico de Nutrição, ele também tem aulas práticas. E você tem que dar uma mexida nisso. Então, eles acabam fazendo na casa deles. Lógico que não é uma medida exata, vamos dizer assim, porque muitos não tem como ter balança nem nada. Mesmo a gente morando em Santos, a gente sabe que tem muitas pessoas que têm problemas de internet, tem gente que não consegue acompanhar as aulas online. Então, a gente grava as aulas para eles depois assistirem no final de semana, assistirem até mesmo no serviço, por causa dos dados da internet, porque o *Teams* acaba tendo o... Vamos dizer assim, ele puxa muito a internet, porque os alunos falam isso. Às vezes, eles mesmo também não conseguem acessar a plataforma, então a gente tem que ficar chamando, tem alguns problemas. Mas, no todo, eles estão gostando. Os alunos, graças a Deus, a gente não teve muita baixa. A gente teve uma adesão muito grande. Então, a gente tenta realmente fazer aquilo que a gente já fazia no presencial. Tenta melhorar um pouco mais aquilo que a gente faz. Então, o ano que vem parece estar melhor.

MLMC: O nosso evento, ele foi para março. Eu recebi mais de 60 trabalhos, porque eu acho que... Nós vamos fazer o encontro presencial, porque é o único momento que nós temos, inclusive, para trocar ideias. Então, para a gente, é fundamental. Então, eu joguei para março,

mas vai ficar tudo pronto, porque eu estou com os trabalhos, com o caderno de resumo, tudo pronto agora. E, daí nós vamos fazer uma jornada em novembro. Nós vamos propor uma jornada. E eu estou pensando de a gente discutir essas práticas que nós adotamos nessa época de pandemia, porque eu acho que é importantíssimo a gente fazer esse registro. Você sabe que, entre a década de 20 e 30, a educação profissional teve vários problemas com relação àquelas febres todas, aqueles problemas que tinham, de Febre amarela. Então, eu acho que até para a gente fazer uma comparação com o que aconteceu naquela época e agora. Por exemplo, na década de 30, o Horácio da Silveira utilizava o rádio. Agora, nós estamos utilizando a internet. Vai dar para a gente discutir vários problemas sociais e fazer comparações, como é que tudo isso evoluiu. E onde a gente retrocedeu também, a ponto de acontecer tudo isso novamente.

MCS: Infelizmente, o povo brasileiro... A gente fala que é higiênico, mas a gente não é tão higiênico, não. A maioria... Eu sei por que, às vezes, a gente ministra aulas de Higiene Alimentar e a gente ensina a lavar a mão. Muita gente não lava a mão. A gente brinca assim: - passa a mão na água. Quando a gente trabalha na área da alimentação, igual eu trabalhei em cozinha industrial, tudo. Então, a gente falava para o funcionário: - lava a mão. Ele não lavava a mão: - Ah, eu não lavo a mão em casa, não acontece nada. Eu falei: - mas, aqui você tem que lavar a mão corretamente. Então, o brasileiro, em algumas áreas, vamos dizer assim: - ele não lava a mão direito. Então, agora é o uso do álcool gel. O álcool gel acabou, por quê? Porque o pessoal só queria passar álcool na mão. E não é esse, essa parte é para segundo plano. Você tem que fazer a higienização correta em casa. Lavar a mão...

MLMC: É com água e sabão, que é mais barato e mais indicado. Mas você vê: - onde é que aconteceu o problema? No mercado, onde eles tinham várias espécies diferentes, muito juntas uma com a outra. Vai saber a higienização que se tinha lá. E você vê que quando descobriram a doença, a maioria era dos que trabalhavam no mercado. Então, as pessoas têm que ter consciência da questão da higiene, dos espaços adequados, do distanciamento, entra na UAN aí. (risos)

MCS: É, mais ou menos isso. E a gente fica cobrando. A mesma coisa a gente fala para os alunos: - tenta, explica para o pai e para a mãe, tem que lavar a mão corretamente. Não é só agora, não é na época da pandemia. Acabou a pandemia, continua, sabe? A gente tem que continuar. A gente teve problema da H1N1 há o quê? Há uns quatro, cinco anos atrás, e na época já falava da higienização das mãos. Acabou aquilo, parece que não precisa mais lavar

a mão de novo, sabe? É uma coisa... É um retrocesso que a gente tem. O brasileiro não tem essa cultura.

MLMC: Pior que não é só o brasileiro, você vê que isso é mundial.

MCS: É, mas eu acho que o brasileiro...

MLMC: Eu acho que a nossa jornada vai ser muito interessante. Porque muitas coisas que foram colocadas na década de 30 exatamente estão sendo postas agora. E a gente tem que ficar atento às restrições: - de higiene, de espaço.

MCS: Tudo.

MLMC: Márcia, olha... Eu ficaria aqui conversando com você muito e muito tempo. Você sabe, é muito agradável, mesmo nos clubes de memórias, eu gosto muito lá dos intervalos. Juntos, no horário de almoço, que a gente conversa e troca ideia sobre o nosso trabalho. Mas você sabe que fazer transcrição de entrevista leva bastante tempo. Então, eu vou fazer a transcrição dessa entrevista, daí, vou te mandar os termos de autorização. Porque eu quero criar um volume só com nossos professores que atuam nos centros de memória. Porque, assim, nós entrevistamos ex-professores, professores nossos na unidade. Mas também é fundamental deixar o registro para os que virão: - quem fomos nós? Por que nós fizemos tais coisas e não fizemos outras? Assim, conhecendo um pouco de cada um de nós, eles vão poder compreender melhor esse momento que nós vivemos.

MCS: Foi bem pensado, gostei da sua ideia, realmente foi muito bom, porque valorizar realmente aqueles que estavam trabalhando com você, que ajudaram a construir o Clube de Memórias (refere-se aos centros de memória). Apesar que muita gente já saiu, mas tem muitas pessoas que continuam aí, firme e forte.

MLMC: É, temos um grupo, felizmente. Ninguém faz nada sozinho. Tanto que, assim, Memórias tem se mantido exatamente porque tem um grupo que se reúne, troca ideias, produz material. E, tem um sentimento de pertencimento com as suas unidades. E isso é fundamental, quer dizer, muitos não ficam porque talvez não percebiam essa afinidade, que a gente acabou adquirindo.

MCS: É verdade. Isso é verdade, sim. Muitos vêm e voltam.

MLMC: Obrigada. Agradeço realmente poder participar desse clube. E, se Deus quiser, continuar aí, ainda há muitos anos, continuar nesse Clube de Memórias. Muito obrigada, Maria Lucia. A toda essa equipe, a Júlia também, ela é tudo de bom também. Fazendo um trabalho bom agora nessa ajuda sua aí também. Tá?

MLMC: Muito obrigada.

MCS: Tchau. Tchau.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Etec Dona Escolástica Rosa
Centro de Memória
Curador
Marcia Cirino dos Santos
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Júlia Naomi Kanazawa
Daisy Rodrigues de Lima Simões
Waldemar Tavares Jr.
Técnico em Nutrição e Dietética
Almério Melquíades Araújo
Etec Aristóteles Ferreira
Etec Dona Escolástica Rosa
Secretaria de Estado da Educação
José Ferreira
Metalurgia
Unidade de Ensino Médio e Técnico
GEPEMHEP
Historiografia
Pandemia do Covid 19
Teams
Escola Zenon Cleantes de Moura

Colégio Estadual Afonso Schmidt

Nutricionista

Clube de Memórias

Dados Biográficos da Entrevistada



Márcia Cirino dos Santos. Pós-graduada em Planejamento, Implementação em Gestão de Educação à Distância pelo LANTE/UFF (2017) e em Gestão de Negócios em Alimentação Coletividades SENAC/CEATEL (1996). Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo Profissional de Nível Médio (Saúde), 2008 FATEC Baixada Santista/Centro Paula Souza, e Graduada em Ciências Biológicas pela UNIMES (2007) e em Nutrição pela UNIMEP (1985). Licenciatura em Pedagogia pela UNIP (2014). Experiência na área de Nutrição, com ênfase em Gestão de Restaurantes de Empresas e Comerciais na área de higiene e segurança alimentar. Atualmente é docente do Curso Técnico em Nutrição e Dietética na Etec Dona Escolástica Rosa (Santos) do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Curadora do Centro de Memórias da Etec "Dona Escolástica Rosa", desde 2017. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/3512073179014643>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar,

artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV:
<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Marcia Cirino dos Santos

Termo de uso de Imagem de Marcia Cirino dos Santos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Marcia Cirino dos Santos